


O PROFESSOR-HERÓI E O CANTO DA SEREIA DA VOCAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE ROMANTIZAÇÃO E PRECARIZAÇÃO DOCENTE

THE TEACHER-HERO AND THE SIREN'S SONG OF VOCATION: REFLECTIONS ON THE ROMANTICIZATION AND PRECARIZATION OF TEACHING

 <https://doi.org/10.63330/armv2n5-026>

Submetido em: 13/05/2026 e Publicado em: 19/05/2026

Nathan Genario da Silva Santos

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT; PPGedu / Rondonópolis)
E-mail: Genario.mat@gmail.com
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1013628528170220>

Fábio Henrique de Souza Lacerda

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT, PPGedu / Cáceres)
E-mail: fabiolacerda.fl13@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6744368383534079>

Géssica Souza Lacerda

Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT, PPGedu / Cáceres)
E-mail: gessicalacerda26@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5839600848481833>

Rosângela Gomes dos Santos

Mestra em Ensino de Ciências e Matemática pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Matemática (PROFECM, UEMS / Dourados)
E-mail: rosangelags20@hotmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2361081871763937>

Pedro Aparecido Barreto de Melo

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
E-mail: pedrobarretogeo@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0755746441594335>

RESUMO

O presente estudo tem como tema central a romantização da docência e seus impactos na valorização profissional dos professores. Trata-se de uma pesquisa teórica, de abordagem qualitativa e inspiração etnográfica, fundamentada nas contribuições de Clifford Geertz. O objetivo do trabalho consiste em problematizar os discursos sociais e midiáticos que associam a profissão docente à vocação, ao sacrifício e à abnegação, analisando como tais narrativas contribuem para a naturalização da precarização do trabalho



docente. Metodologicamente, o estudo foi desenvolvido por meio de revisão bibliográfica e análise de reportagens e discursos midiáticos relacionados à profissão docente, dialogando com autores como Miguel Arroyo, José Manuel Esteve, Stephen J. Ball e Olinda Evangelista. Os resultados evidenciam que a mídia frequentemente constrói a imagem do professor-herói, transformando situações de precariedade em exemplos de superação individual, o que contribui para o enfraquecimento das discussões sobre valorização profissional, condições de trabalho e responsabilidade do Estado. Conclui-se que a romantização da docência ultrapassa o campo simbólico e atua como mecanismo de silenciamento das demandas docentes, reforçando processos de desvalorização e vulnerabilidade profissional.

Palavras-chave: Romantização docente; Valorização profissional; Mídia; Precarização docente; Neoliberalismo.

ABSTRACT

This study focuses on the romanticization of teaching and its impact on the professional valuation of teachers. It is a theoretical research project, with a qualitative approach and ethnographic inspiration, grounded in the contributions of Clifford Geertz. The objective of the work is to problematize the social and media discourses that associate the teaching profession with vocation, sacrifice, and selflessness, analyzing how such narratives contribute to the naturalization of the precariousness of teaching work. Methodologically, the study was developed through a literature review and analysis of news reports and media discourses related to the teaching profession, engaging with authors such as Miguel Arroyo, José Manuel Esteve, Stephen J. Ball, and Olinda Evangelista. The results show that the media frequently constructs the image of the teacher as a hero, transforming precarious situations into examples of individual overcoming, which contributes to the weakening of discussions about professional valuation, working conditions, and state responsibility. It is concluded that the romanticization of teaching goes beyond the symbolic realm and acts as a mechanism for silencing teachers' demands, reinforcing processes of devaluation and professional vulnerability.

Keywords: Romanticization of teaching; Professional appreciation; Media; Precarious working conditions for teachers; Neoliberalism.

1 INTRODUÇÃO

A docência ocupa um papel central no processo de mediação do conhecimento e na formação humana, sendo historicamente reconhecida como elemento fundamental para o desenvolvimento social e educacional. Mesmo diante do avanço tecnológico e da expansão das Inteligências Artificiais (IA), a



presença do professor permanece indispensável no processo de ensino e aprendizagem, sobretudo pelas dimensões humanas, sociais e pedagógicas que atravessam a prática educativa. Conforme aponta Ubiratan D'Ambrosio (2003), em sua obra “Educação matemática: da teoria à prática”, a educação deve ser compreendida para além da simples transmissão de conteúdo, considerando os aspectos culturais, sociais e humanos envolvidos na construção do conhecimento.

Entretanto, apesar da reconhecida importância da profissão docente, observa-se um crescente processo de desvalorização profissional que atinge os professores em diferentes contextos educacionais. Nesse cenário, destaca-se a construção de uma visão romantizada da docência, frequentemente reforçada pelos meios de comunicação, pelas políticas educacionais e pelo imaginário social. Em diversas narrativas midiáticas, o professor é apresentado como um sujeito movido exclusivamente pela vocação, pelo amor à profissão e pela capacidade de superar adversidades, mesmo diante da ausência de recursos, investimentos e condições adequadas de trabalho.

Um exemplo recorrente desse processo pode ser observado em reportagens que exaltam professores que desenvolvem práticas pedagógicas em espaços improvisados, sem apoio institucional ou estrutura adequada, transformando situações de precariedade em narrativas de heroísmo e superação individual. Embora seja importante reconhecer o compromisso desses profissionais com a educação, preocupa-nos a forma como essas representações podem contribuir para a consolidação de um imaginário neoliberal pautado na ideia de que o esforço individual é suficiente para superar problemas estruturais. Dessa maneira, questões relacionadas à valorização profissional, ao financiamento da educação, às condições de trabalho e à proteção física e emocional dos professores acabam sendo secundarizadas.

Além da precarização do trabalho docente, os professores também vêm enfrentando situações constantes de violência e ataques simbólicos, físicos e psicológicos no ambiente escolar. Casos envolvendo agressões praticadas por estudantes, familiares e membros da sociedade evidenciam a fragilidade das políticas de proteção ao profissional docente e demonstram como a romantização da profissão pode contribuir para a naturalização do sofrimento e da sobrecarga vivenciada por esses trabalhadores. Nesse sentido, discutir a romantização docente significa também problematizar os discursos que silenciam as demandas da categoria e enfraquecem a luta por direitos e reconhecimento profissional.

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo compreender como a romantização docente impacta o processo de valorização profissional. De maneira específica, busca identificar os processos midiáticos que reforçam a romantização da profissão docente, compreender como a mídia influencia na construção dessa visão romantizada, demonstrar como esse processo interfere na profissionalização da docência e apresentar as formas de vulnerabilidade às quais os professores estão expostos em sala de aula.



Ademais, a investigação fundamenta-se na abordagem qualitativa de inspiração etnográfica, considerando que a compreensão das relações que atravessam a docência exige a análise dos significados produzidos socialmente no cotidiano escolar. À vista disso, Clifford Geertz (1989) destaca que a etnografia busca realizar uma “descrição densa” das práticas sociais, permitindo interpretar os sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas experiências.

Por fim, para compreender esse cenário, torna-se necessário analisar os processos midiáticos que reforçam a romantização da profissão docente, especialmente por meio de notícias e reportagens que apresentam o professor como figura heroica, ao mesmo tempo em que silenciam debates relacionados à valorização profissional, às condições de trabalho e às políticas públicas educacionais.

2 O “CANTO DA SEREIA” DA VOCAÇÃO DOCENTE

Historicamente, a docência foi atravessada por discursos que associam o ato de ensinar à vocação, ao altruísmo e ao sacrifício pessoal. A imagem do professor como sujeito que ensina “por amor”, independentemente das condições materiais da profissão, consolidou-se socialmente como uma representação positiva da docência. Entretanto, essa construção também contribui para naturalizar processos de precarização e desvalorização profissional, especialmente quando o compromisso com a educação passa a ser utilizado como justificativa para suportar condições inadequadas de trabalho.

Nesse movimento, Miguel Arroyo, na obra *Ofício de Mestre* (2000), discute como a sociedade construiu diferentes imagens sobre o professor ao longo da história, aproximando à docência de uma ideia de missão moral e social. Para o autor, o professor passa a ocupar um lugar simbólico marcado pela responsabilidade de transformar vidas, resolver problemas sociais e conduzir processos formativos que ultrapassam os limites da própria escola. Nesse espaço semântico, o trabalho docente deixa de ser compreendido apenas como profissão e passa a ser associado à ideia de vocação, entrega e responsabilidade afetiva.

A perspectiva apresenta acima e apoiada nas ideias de Arroyo (2000), pode ser percebida em expressões amplamente utilizadas no cotidiano escolar e social, como “professor trabalha por amor”, “ser professor é uma missão” ou “quem ensina faz por vocação”. Nesse, mesmo movimento, Evangelista (2020) faz uma crítica consciente contra os “slogans” utilizados em documentos oficiais que promovem a desqualificação da profissão docente.

(...) slogans procuram esconder tal desqualificação: “Um bom professor. Um bom começo”; “Seja um professor”!; “Venha construir um Brasil mais desenvolvido, mais justo, com oportunidades para todos”; “A profissão que pode mudar um país” (Evangelista, 2020, p. 07).



Embora essas frases aparentem valorizar a profissão docente, elas também contribuem para romantizar o sofrimento profissional e naturalizar condições precárias de trabalho. Nesse contexto, o amor pela educação deixa de ser entendido como compromisso ético e passa a funcionar como mecanismo simbólico de silenciamento das reivindicações relacionadas à valorização profissional, aos salários, à segurança e às condições dignas de trabalho.

Nesse campo (espaço de luta por direitos) marcado pela romantização da docência, muitos professores acabam silenciando o próprio sofrimento profissional para sustentar a imagem social do educador vocacionado, resiliente e emocionalmente disponível. Tal movimento aproxima-se, metaforicamente, da narrativa presente em *A Bolsa Amarela* (1976), na qual a personagem guarda, dentro da bolsa, desejos, angústias e sentimentos que não encontram espaço de expressão social. De maneira semelhante, o professor contemporâneo frequentemente “guarda” o cansaço, o medo, a frustração, o adoecimento e até mesmo o desejo de abandonar a profissão, em nome da expectativa social de que ensinar deve ser, acima de tudo, um ato de amor e entrega pessoal.

Nessa direção, José Manuel Esteve, na obra *O mal-estar docente* (1999), analisa como o professor contemporâneo passou a vivenciar um cenário marcado pela intensificação das cobranças sociais e pelo desgaste emocional. Segundo o autor, o docente passou a assumir múltiplas responsabilidades dentro da escola, sendo constantemente responsabilizado pelos problemas educacionais e sociais. Ao mesmo tempo em que a sociedade exige do professor dedicação, equilíbrio emocional e capacidade de transformação social, pouco se discute sobre as condições concretas que atravessam o exercício da profissão docente.

Ou seja, torna-se comum a construção de discursos que exaltam professores que “superam limites”, “dão aula mesmo sem recursos” ou “mudam vidas apesar das dificuldades”. Em muitas situações, reportagens e narrativas midiáticas transformam a precarização em exemplo de heroísmo e superação individual. Assim, a ausência de investimentos públicos e de políticas educacionais efetivas acaba sendo invisibilizada, enquanto o professor é apresentado como principal responsável pela superação dos problemas estruturais da educação.

As discussões de Stephen J. Ball sobre performatividade e neoliberalismo também contribuem para que possamos compreender esse processo. Em *Profissionalismo, gerencialismo e performatividade* (2005), o autor argumenta que as políticas neoliberais intensificaram mecanismos de responsabilização individual no campo educacional. Essa ideia fortalece o imaginário de que o sucesso escolar depende exclusivamente do desempenho e esforço do professor, deslocando para o professor responsabilidades que deveriam ser assumidas pelo Estado e pelas políticas públicas.

Desta forma, construído pelo neoliberalismo, o “bom professor” passa a ser representado como resiliente, flexível, emocionalmente disponível e capaz de suportar adversidades sem questionar as estruturas que produzem desigualdades educacionais. Ou seja, a romantização da docência deixa de ser



apenas uma representação simbólica e passa a operar como mecanismo ideológico que enfraquece a compreensão do professor enquanto trabalhador e categoria profissional.

O problema, portanto, não está em amar a profissão docente, mas na utilização desse amor como justificativa para naturalizar o sofrimento, a precarização e a ausência de valorização profissional. Por fim, apresento, neste estudo, a romantização docente como a construção discursiva que associa o exercício da docência ao sacrifício, à vocação e à abnegação, desconsiderando os aspectos profissionais, estruturais e trabalhistas da carreira.

3 O PROFESSOR COMO HERÓI: MÍDIA, ROMANTIZAÇÃO E PRECARIZAÇÃO

Os meios de comunicação exercem forte influência na construção das representações sociais acerca da profissão docente. Em diferentes produções midiáticas, o professor é frequentemente apresentado como símbolo de resistência, dedicação e superação, reforçando discursos que associam a docência a características como vocação, amor e sacrifício. Como podemos identificar em uma matéria exibida pelo programa Fantástico, foi apresentada a história de uma professora que alfabetizava crianças em condições precárias e sem estrutura adequada, enfatizando sua dedicação e esforço pessoal como elementos centrais da narrativa.

Uma influenciadora, fez uma crítica consistente a essa matéria, segundo o perfil @senhoritabira (2025) o caso da professora que alfabetizou cerca de 200 alunos utilizando manga, bombril e lama como material pedagógico, dando aulas debaixo de um coqueiro por falta de estrutura básica na escola sem louça, sem giz e até sem teto. Para Bira (2025), a história não deve ser romantizada. Segunda a influenciadora:

(..) enxergar essa realidade como algo “bonito” é ignorar a desigualdade social escancarada no país. Enquanto educadores precisam improvisar para garantir o mínimo de aprendizado, há políticos que gastam até R\$ 2 mil em uma única refeição, evidenciando o abismo entre quem luta para ensinar e quem detém privilégios. Bira reforça que a força do povo brasileiro não pode ser usada como desculpa para a falta de dignidade e investimento em áreas essenciais como a educação. “O povo brasileiro é sim forte, mas nós não precisamos e não precisamos mesmo viver na miséria”, afirmou, deixando uma reflexão necessária sobre prioridades, justiça social e o futuro do país (@senhoritabira, 2025).

Nesse sentido, embora essas narrativas produzam reconhecimento simbólico ao trabalho desenvolvido pelos professores, torna-se necessário problematizar os impactos que essa visão romantizada pode gerar no processo de valorização profissional da categoria docente.

Portanto, grande parte das reportagens televisivas, como o apresentado anteriormente, que apresenta o professor alfabetizando crianças em espaços improvisados, como debaixo de árvores, em garagens ou em ambientes sem condições adequadas para o ensino contribuem para a construção de um imaginário



neoliberal, trazendo, muitas vezes, a ideia que “basta a força de vontade e tudo vai acontecer”, anulando desta forma a responsabilidade do Estado em oferecer os devidos recursos.

Ou seja, essas práticas não deixam de demonstrar o compromisso desses profissionais com a educação, no entanto, preocupa-nos a forma como tais situações são transformadas em narrativas inspiradoras, deslocando a atenção das condições precárias de trabalho para a ideia de heroísmo docente.

Nesse movimento, em muitas reportagens, observa-se a construção de uma imagem heroica do professor, especialmente em contextos marcados pela ausência de recursos pedagógicos, infraestrutura precária e falta de investimento público. Nessas narrativas, a precarização do trabalho docente deixa de ser apresentada como um problema estrutural e passa a ser tratada como exemplo de esforço individual e compromisso pessoal com a educação.

Nessa linha de pensamento Evangelista e Shiroma (2007, p. 536) pontuam que este jogo político pode construir um imaginário problemático, colocando o professor como um sujeito “que é incapaz teórico-metodologicamente, incompetente e responsável pelas falhas na aprendizagem dos alunos”.

Dessa maneira, o debate sobre políticas públicas educacionais, financiamento da educação e valorização profissional acaba sendo substituído por discursos pautados na superação individual. Nesse espaço semântico, a ausência do Estado e das políticas públicas educacionais tende a ser invisibilizada, enquanto o professor assume, individualmente, a responsabilidade de enfrentar problemas estruturais da educação brasileira.

Essa realidade apresentada, no parágrafo anterior, já era esperada por vários pesquisadores da educação, como apresentado no texto “Professor: protagonista e obstáculo da reforma”, escrito por Olinda Evangelista e Eneida Oto Shiroma, em dezembro de 2007. As pesquisadoras pontuaram:

(...) o professor vem sendo atingido por todos os flancos: está na profissão porque não foi aceito em carreiras de maior prestígio; é incapaz para outras funções e à docência foi o que lhe restou; acomodou-se na carreira porque não há incentivos para desempenhos diferentes; não se preocupa com a qualidade do que faz porque seu salário é irrisório. Essas e muitas outras imagens denegatórias justificam uma ação dura sobre os docentes e oferecem o mote para a mobilização de pais e comunidade na tarefa de “incentivar” o professor a dedicar-se à escola e à docência. Resultado: sustenta-se o recuo do Estado nas tarefas relativas ao financiamento público da escola e põe-se no encaixe dos professores “boa-vida” uma comunidade que aposta na boa qualidade da escola, concretizada na possibilidade efetiva de assegurar um trabalho ao sol aos seus filhos. Concluimos dizendo que se o professor não era um obstáculo, certamente está sendo construído como tal (Evangelista, Shiroma, 2007, p. 537).

Essa lógica aproxima-se do que Stephen J. Ball (2011), em Políticas Educacionais: questões e dilemas, compreende como processos neoliberais de responsabilização individual, nos quais os sujeitos passam a ser vistos como únicos responsáveis pelo sucesso ou fracasso de suas práticas profissionais. Evangelista (2020, p.2) aponta que “apenas no ano de 2015 e primeiro semestre de 2016 não é possível contabilizar as atrocidades físicas, intelectuais e políticas cometidas contra professores de escolas públicas”.



No campo educacional, esse discurso pode contribuir para a construção de um imaginário social que naturaliza a precarização docente, sustentando a ideia de que o “amor pela profissão” seria suficiente para compensar baixos salários, ausência de recursos, sobrecarga de trabalho e falta de proteção profissional. Indo ao encontro dessa narrativa Evangelista (2020, p.3), utilizando a citação de Brito, 2016, salienta que

(...) Estamos diante do risco de uma redução significativa de direitos, que já está acontecendo; a consolidação de uma força de direita, ao mesmo tempo institucionalizada e não-institucionalizada, que não é exatamente partidária, porque não cola só com os partidos. Esse é um processo de direitização que não é só político, é também social. Um processo de direitização significa imposição do medo à maioria da população, quer seja pela violência, pela perda de emprego, quer seja simplesmente pela desqualificação da sua presença num lugar não desejado.

Outro ponto relevante é que, nos últimos anos, diferentes notícias passaram a evidenciar casos de agressões físicas, ameaças, violência psicológica e ataques sofridos por professores dentro das instituições escolares, revelando um cenário preocupante de fragilidade profissional e ausência de políticas efetivas de proteção. Em 2024, um professor foi agredido por um aluno dentro de uma escola estadual em São José dos Campos, após tentar dialogar com o estudante em sala de aula. O caso mobilizou a ronda escolar e evidenciou a vulnerabilidade dos profissionais diante de situações de conflito no ambiente escolar (Portal Spriomais, 2024).

No mesmo ano, outro episódio ganhou repercussão nacional após um aluno aplicar um “mata-leão” em um professor durante uma aula em uma escola estadual no Paraná. Segundo as reportagens, a agressão ocorreu após o docente solicitar a organização das carteiras da sala, situação que rapidamente evoluiu para violência física (Terra, 2024).

Além das agressões praticadas por estudantes, professores também têm sido vítimas de violência por parte de familiares de alunos. Em 2024, um professor da rede pública de Itanhaém foi agredido fisicamente pela mãe de um estudante ao chegar na escola, sofrendo socos e pontapés dentro do espaço escolar. O episódio gerou manifestações de profissionais da educação contra a violência física e psicológica sofrida pela categoria docente (Gomes, 2024).

Ressalta-se, ainda, que, em 2026, ocorreram novos casos graves de violência contra professores no ambiente escolar. Em março de 2026, um professor de um colégio estadual de Palmas foi agredido fisicamente por um aluno dentro da sala de aula após episódios de indisciplina. Segundo o docente, as agressões ocorreram diante de outros estudantes, evidenciando a vulnerabilidade dos professores no cotidiano escolar (Grupo RBJ, 2026).

No mês seguinte, em abril de 2026, uma professora foi ferida após um ex-aluno invadir uma escola municipal em Suzano portando um facão. De acordo com as reportagens, o jovem pulou o muro da instituição e tentou entrar em uma sala de aula, sendo contido pela docente, que sofreu ferimentos nas mãos



durante o ataque. Posteriormente, notícias apontaram que a professora perdeu parte de um dos dedos em decorrência da agressão (SBT News, 2026).

Nesse movimento, observa-se que o professor assume múltiplas responsabilidades no espaço escolar, sendo constantemente responsabilizado pela aprendizagem, pelo comportamento e pela formação ética dos estudantes, sem que existam mecanismos adequados de apoio institucional e segurança profissional. Quando episódios de violência escolar ganham repercussão midiática, o debate geralmente é direcionado apenas ao acontecimento isolado, sem problematizar as condições estruturais que contribuem para o adoecimento e a vulnerabilidade docente. Dessa forma, o professor continua sendo visto socialmente como alguém que deve suportar adversidades em nome do “amor à profissão”, mesmo diante de situações que comprometem sua integridade física e mental.

Além disso, torna-se necessário questionar quem, de fato, é responsável pela segurança do professor no ambiente escolar. A responsabilidade deve recair exclusivamente sobre o docente e sua capacidade individual de administrar conflitos? Ou seria papel do Estado, das políticas públicas educacionais e das instituições escolares garantir condições adequadas de proteção, apoio psicológico e segurança no trabalho? Essas questões tornam-se ainda mais relevantes diante do aumento dos casos de violência escolar registrados nos últimos anos, evidenciando a necessidade de romper com discursos romantizados que naturalizam o sofrimento docente e silenciam as demandas da categoria profissional.

Desta forma, ao enfatizar histórias de superação e dedicação extrema, as mídias frequentemente silenciam discussões relacionadas ao adoecimento docente, à violência escolar e à desvalorização da profissão. Raramente ganham destaque as condições de trabalho enfrentadas diariamente pelos professores, os ataques físicos e psicológicos sofridos no ambiente escolar ou a ausência de políticas públicas voltadas à proteção e valorização da categoria. Em contrapartida, situações marcadas pela precarização costumam ganhar visibilidade quando transformadas em exemplos emocionantes de esforço e resiliência individual.

Portanto, a romantização da docência ultrapassa o campo simbólico e passa a influenciar diretamente a forma como a sociedade compreende o trabalho docente. Ao transformar direitos básicos em demonstrações de vocação e sacrifício, esses discursos contribuem para o enfraquecimento das lutas coletivas da categoria e para a naturalização das desigualdades presentes no contexto educacional brasileiro.

4 CONCLUSÃO

Este estudo não teve como finalidade apresentar respostas definitivas sobre a romantização da docência, tampouco encerrar os debates acerca da valorização profissional docente. Pelo contrário, buscamos problematizar os discursos que, historicamente e socialmente, vêm sendo construídos sobre o professor, especialmente aqueles que associam a docência ao sacrifício, à vocação e à abnegação como elementos naturais da profissão.



Ao longo das discussões apresentadas, foi possível percebermos que a romantização docente ultrapassa o campo simbólico e interfere diretamente na forma como a sociedade compreende o trabalho do professor. Quando o sofrimento profissional é transformado em demonstração de amor pela educação, corre-se o risco de naturalizar a precarização, o adoecimento, a violência escolar e a ausência de políticas efetivas de valorização profissional. Nesse movimento, o professor deixa de ser reconhecido como trabalhador de direitos e passa a ocupar, socialmente, o lugar do herói resiliente, capaz de suportar qualquer adversidade em nome da educação.

As análises desenvolvidas também evidenciam o papel da mídia na construção desse imaginário. Muitas narrativas midiáticas, ao exaltarem professores que “superam limites” em contextos de extrema precariedade, acabam deslocando o debate das responsabilidades estruturais do Estado para o esforço individual do docente. Assim, questões relacionadas às condições de trabalho, segurança profissional, financiamento da educação e saúde mental docente tendem a ser secundarizadas diante de discursos emocionais que transformam a precarização em exemplo de inspiração.

Entretanto, torna-se necessário afirmarmos que problematizar a romantização da docência não significa negar o compromisso ético, afetivo e humano presente no ato de ensinar. O problema não está no amor pela profissão, mas na utilização desse sentimento como mecanismo de silenciamento das dores, das violências e das desigualdades que atravessam o cotidiano escolar. Nenhuma profissão deveria exigir sofrimento como prova de compromisso.

Ou seja, procuramos abrir fissuras no discurso romantizado que envolve a docência, permitindo que, mesmo em meio ao movimento caótico que atravessa a educação contemporânea, surjam pequenas luzes capazes de iluminar aquilo que por muito tempo permaneceu silenciado. Talvez seja justamente no interior desse caos, marcado por contradições, precarizações e disputas de sentido, que possamos começar a desvelar o “canto da sereia” da vocação docente, um discurso sedutor que, ao prometer reconhecimento simbólico e missão social, muitas vezes contribui para ocultar a desvalorização profissional e a fragilidade das condições concretas de trabalho.

Por fim, esperamos que este estudo contribua para fortalecer reflexões críticas acerca da profissão docente, incentivando novos debates sobre valorização profissional, políticas públicas educacionais, proteção ao professor e condições dignas de trabalho. Mais do que concluir, interessa-nos inquietar, provocar e tensionar os discursos naturalizados sobre a docência, reconhecendo que pensar criticamente a educação também significa recusar narrativas que transformam a dor docente em algo belo, necessário ou inevitável.



REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BOJUNGA, Lygia. **A bolsa amarela**. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2009.
- BALL, Stephen J. **Profissionalismo, gerencialismo e performatividade**. Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 126, p. 539-564, 2005.
- BALL, Stephen J. **Políticas educacionais: questões e dilemas**. Porto Alegre: Penso, 2011.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. **Educação matemática: da teoria à prática**. 10. ed. Campinas: Papyrus, 2003.
- ESTEVE, José Manuel. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Bauru: EDUSC, 1999.
- EVANGELISTA, Olinda. **Faces da tragédia docente no Brasil**. In: XI Seminário Internacional da RED Estrado, 2020. Anais do XI Seminário Internacional da RED Estrado. 9 out. 2020. ISSN 2219-6854.
- EVANGELISTA, Olinda; SHIROMA, Eneida Oto. **Professor: protagonista e obstáculo da reforma**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 531-541, set./dez. 2007.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GOMES, Luanna. **“Repúdio”: Professor de Itanhaém é agredido por mãe de aluno ao chegar na escola**. THMAIS, 17 abr. 2024. Acesso em: 12 maio 2026.
- GRUPO RBJ. **Professor é agredido por aluno em colégio estadual de Palmas**. 2026. Disponível em: <https://rbj.com.br/professor-e-agredido-por-aluno-em-colegio-estadual-de-palmas/>?. Acesso em: 12 maio 2026.
- PORTAL SPRIOMAI. **Professor é agredido por aluno em escola estadual na zona norte de SJC**. 18 set. 2024. Disponível em: <https://spriomais.com.br/2024/09/18/professor-e-agredido-por-aluno-em-escola-estadual-na-zona-norte-de-sjc/>?. Acesso em: 12 maio 2026.
- SBT NEWS. **Ex-aluno invade escola e fere professora com facão em Suzano (SP)**. 2026. Disponível em: <https://sbtnews.sbt.com.br/noticia/policia/ex-aluno-invade-escola-e-fere-professora-com-facao-em-suzano-sp/>?. Acesso em: 12 maio 2026.
- SENHORITA BIRA. **Crítica à romantização da precarização docente**. Instagram, 2025. Disponível em: (@senhoritabira). Acesso em: 12 maio 2026.
- TERRA. **Aluno agride professor com “mata-leão” em escola do Paraná**; veja. 14 jun. 2024. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/aluno-agride-professor-com-mata-leao-em-escola-do-parana-veja,34a2ce36621e910152ac5241dd0615e61k1m9vz3.html>. Acesso em: 12 maio 2026.